

Sometimes the sun rises between the haze

Foi o que aconteceu. Falo da visível metáfora solar na pintura de Constança Meira onde emerge uma ressonância do figurativo matizado e assumido como estratégia do seu discurso artístico. Diria, para ser mais explícita, que ela explora nesta série de imagens um mundo subjectivo. Lá de dentro, imbuído de certa maneira de uma carga poética e até mesmo romântica. O desejo de ser insensível ao desgaste da idade, à angústia e até ao conflito derivado das palavras oxidadas que contaminam cada vez mais a linguagem comunicativa. Uma densa timidez aflora na construção do quadro que tem a ver com a afirmação da própria maneira de ser e de estar da artista. A arte sentimental requer a presença de um testemunho. Não transmite melancolia, deriva de uma Inteligência subtil. A seu favor, o prodigioso virtuosismo oficial. No desenho, na paleta cromática, numa eloquente e delicada fulguração que acaba por transmitir uma atmosfera amável que nos conduz a uma revisitação dos mitos.

Para mim que não ando distraída a pairar nas nuvens, o trabalho da Constança foi uma espécie de revelação. Dentro dos seus labirintos interiores onde se cruzam variadíssimas histórias, lugares, recordações de infância e da adolescência, vai tomando corpo a pintura com um suporte na trajectória da protagonista que se revela assim tão serena, tão feminina e tão sensível. Na vertigem desta sociedade ruidosa, saturada de informação, ele propõe uma pausa, um apelo ao relax. Deixemos o espírito da obra plástica fluir e apaziguar o olhar. Nesta exacta matéria as dioptrias de quem as tiver, não importam nada. Estamos perante o espírito criativo de uma mulher que carregava, como ela afirma, a síndrome de *Peter Pan*. Não queria crescer, o propósito era ficar para sempre menina. Depois de um ciclo escuro, marcado por várias mortes, aprendeu a crescer emocionalmente.

Começou em 2018 esta série que não tem só a ver com a Índia onde foi três vezes com a mãe, visitando diferentes zonas daquele país imenso e contrastante. Viu muitos templos, absorveu o tumulto das cores, dos cheiros, das multidões nas ruas. Dos corpos reais resignados na labuta da sobrevivência que não são puras emanções de mentes iluminadas. Ah, a deusa *Kali* tão adorada que, entrando no território escorregadio mas fascinante das simbologias, está associada ao tempo. Ou como garante a artista, simboliza a destruição de um ciclo de vida seguida da reconstrução de outro melhor. Depois de expulsar o pesadelo, surge o alívio. “*Kali* é para mim uma grande referência”. Constança Sente-se confortável num jogo quase infantil de arquétipos, induzida por uma sensação mágica, não de misticismo que é uma coisa diferente. Prevalece a ideia de querer ser livre, de aprender, de estar aberta a todos caminhos. “A minha mãe transmitiu-me sentimentos e emoções com que me identifico. Com aquilo que eu sou... Preciso de sentir paz, espiritualidade, equilíbrio e uma aproximação a todo tipo de religiões”. Fundamentos que ressoam profundamente dentro dela.

Os seus quadros são lindos, líricos e misteriosos. Incorporam as técnicas dos miniaturistas indianos que introduzem variações subtils no padrão. E transmitem uma energia suave de cariz poético. Ela é uma pintora do mundo subjectivo que encara a arte como expressão da sua personalidade. “O importante no meu trabalho deriva do simbolismo”, afirma. Talvez procure a sabedoria de se harmonizar com a magia inesgotável de um sentido cósmico que se traduz nos pigmentos intensos em preponderância na tela, realçando a narrativa intimista. Deusas das tradições tântricas ou inocentes meninas? Só mais um apontamento: como dizia *Matisse* não é possível separar o desenho e a cor.

A beleza da pintura, que sempre teve uma dinâmica própria, resulta de um trabalho instintivo. No caso de Constança, que desenha desde os tenros anos, revê-se no simbolismo da história de arte. Sobretudo nos pintores clássicos como Goya, Rembrandt, Piero della Francesca, Vermeer e etcétera. Pintura flamenca e alemã sempre, abarcando alguns artistas contemporâneos. Os frescos italianos, sobretudo

pelos efeitos da fissura densa do craquelé, inspiraram-na quando abraçou a técnica da monotipia que vem desenvolvendo há cerca de três décadas. Usa como suporte o papel japonês que, devido às suas características fibrosas absorve bem o óleo, deslizando sorrateiramente no papel. Entre os seus artistas de eleição, menciona ainda os americanos Hopper e Cy Tombly. E finalmente, o belga *Michael Borremans* que, com as suas figuras enigmáticas e perturbadoras, ilumina as obscuridades de certa arte actual em voga. O seu modelo estético monopoliza a representação da solidão do ser humano.

Na arte contemporânea, a recuperação da informação teve um papel decisivo. No fundo, configura o ângulo escondido atrás do biombo, foca aquele momento culminante. Claridade, realismo e intensidade emocional. A originalidade e a exclusividade foram desterradas. Hoje em dia já não existe nada autêntico, muito menos artistas geniais. Impera o lado prosaico da arte vinculada ao mercado. Os valores românticos e auráticos já não são argumentos de venda. Já não se faz uma arte contemplativa. A fórmula do “revoltar-se” vende. A crítica corrosiva dos males da nossa civilização, ainda que seja cínica e falsa, anda por aí em trânsito. Impõe-se um retorno da inocência. Das meninas que gostam dos fenómenos mutantes.

Lourdes Féria